

CAFÉ FILOSÓFICO

INSTITUTO JACQUES MARITAIN DO BRASIL

27 DE AGOSTO DE 2012

O SENTIDO DA VIDA MONÁSTICA HOJE NA IGREJA

**Dom Matthias Tolentino Braga OSB, Abade,
Mosteiro de São Bento de São Paulo**

Ao nos propormos este tema “**o sentido da vida monástica hoje na Igreja**”, creio ser apropriado considerarmos antes a questão: a vida monástica tem algum sentido para o homem de hoje? Mais precisamente, esta questão não se situa só na ordem do ser, mas também no domínio da significação, no âmbito da mentalidade que se estabelece atualmente, em que o próprio vocábulo “monástico” soa sem sentido para muitas pessoas.

Apresento aqui um fato atual que nos sugere esta cautela: recentemente um dicionário inglês destinado aos jovens, editado pela *Oxford University Press*, provocou uma polêmica ao excluir algumas palavras associadas ao universo cristão do seu vocabulário (cf. Passos, Revista mensal de CL, ano XXIV, nº 101, jan./fev. 2009, p. 27). Alguns destes verbetes supressos eram justamente relacionados à missa católica e à vida monástica: altar, capela, bispo, batizar, discípulo, ministro (de culto), páscoa, pentecostes, eucaristia, paróquia, púlpito, santo, pecado, diabo, banco (de igreja), **abade, abadía, monges, mosteiro, convento**. O argumento para a exclusão é de que estas palavras caíram em desuso, porque se referem a realidades que já não fazem parte da vida cotidiana das pessoas, uma vez que a maioria destas já não tem mais nenhuma relação com a igreja.

Deixando de lado a polêmica se a exclusão destas palavras não revelaria uma marginalização do cristianismo (orquestrada por preconceito anticlerical) na cultura do Ocidente, consideremos tão somente este fato incontestável de que hoje vivemos num mundo multicultural, pluri-religioso e em constantes e abruptas mudanças. Até mesmo circunscrever este “hoje” não é tarefa fácil: qual é a atualidade do hoje, num mundo “pós-contemporâneo”, em que o “hoje” não se confunde com o presente, mas o extrapola, porque, ao mesmo tempo em que é gerado no passado e carrega seus condicionamentos, já nasce prenhe do futuro que irrompe a todo o momento e nos impulsiona a nos refazer continuamente: é o mundo globalizado da *internet*, celulares, *twitter*, *blogs*, demais redes sociais etc.

Primeiramente, creio que, ao menos entre nós, em São Paulo, no Brasil, na TV brasileira, ainda têm sentido as palavras monge, mosteiro, monaquismo. Se bem que, mais corriqueiramente, vamos evidenciando na mídia em geral um estranhamento de muitos em relação a estas realidades, por exemplo, quando se substituem tais vocábulos por estrangeirismos como monastério e manasticismo. Todavia, ao se falar em monge, pense-se, de maneira geral, em uma realidade muito mais larga que o monaquismo cristão e católico. Por vezes, é apreendido como uma religiosidade totalmente alheia e diversa da experiência cristã. Não é raro, entre nós, associarem os monges antes a budistas ou a hindus.

Ademais, entre os cristãos que reconhecem “o monge e o mosteiro” como parte integrante de sua Igreja, ao pensá-los, muitos têm diante de si um monaquismo descrito na literatura – quase sempre sob o signo de estereótipos, numa visão anacrônica, resultado de uma reconstrução arqueológica. Assim o Mosteiro aparece ao senso comum como um lugar retirado à beira de um magnífico lago, ou no alto de uma bela montanha, diante de um íngreme desfiladeiro, ou no interior de uma densa floresta, ou ao menos cercado de um aprazível bosque; enquanto o monge, que o habita, é idealizado genericamente como um contemplativo alheio às realidades da vida do homem comum. Ou seja, são imagens e idéias caricaturadas que abordam aspectos externos destes conceitos, não penetrando a identidade mesma do ser monge nem o dinamismo da vida em um mosteiro.

Diante disso, o que um monge pode falar de si, da vida monástica e de sua Igreja para o homem de hoje? De uma maneira simples e despretensiosa, mas ousada, afirmo que ser monge, em qualquer tempo e lugar, é **tornar-se humano**, é defrontar-se com a própria existência diante do mundo e empreender a busca de dar-lhe um sentido mais pleno e totalizante. Nesta acepção, creio poder referir-me a esta realidade na sua dimensão antropológica mais ampla, isto é, dentro do espectro multicultural e pluri-religioso.

Tornar-se humano: isso não é coisa fácil nem banal, pois, em todo tempo e lugar, para cada indivíduo (e para toda comunidade e civilização), este é um empreendimento sempre desafiador! Ao contrário, em oposição à meta do monge, é com a desumanização que nos deparamos diuturnamente. É desumano tudo que fere a dignidade da pessoa: o desemprego, a fome, a pobreza e a violência, gerados pela exclusão e pela exploração de nosso semelhante; frutos de nossa cegueira ou acomodação ante os próprios males, da nossa indiferença diante dos males alheios, do consumismo imposto pelo mercado que nos leva à escravidão alienante através da droga e do hedonismo. É sempre desumano intimidar-se ante os desafios da vida! Pecar não é humano: é desumanizador manchar-se com o mal e com a injustiça, porque isso desfigura a pessoa, fere-a em sua dignidade.

Doutra parte, também podemos sempre contemplar o extraordinário e maravilhoso **fazer-se humano** através do trabalho e do convívio. Por exemplo, as artes, as ciências, a política, o esporte... são expressões deste humanizar-se. Também o é gerar e educar um filho, cultivar uma amizade, apreciar sabiamente as coisas e os momentos, mesmo quando estes vêm marcados pela dor e pelo sofrimento. Ser humano não acontece espontaneamente sem o concurso consciente da pessoa, é necessário seu agir, livre e responsável, atuando em sua vontade e em suas capacidades. Ser humano é ser diverso e único: conservador, progressista, descolado, brega, erudito, iletrado... camponês, empresário, varredor de rua, professor, adolescente, idoso... é ser gente, é ser alguém.

Constatamos que o Humano e o Desumano acompanham o mistério de nossa existência, portanto não confundamos o humano com o progresso oriundo da cultura ou da racionalidade, pois não é o acúmulo de conhecimento ou de recursos por si só que nos faz melhores, mas a maneira como agimos livremente diante do ter e do ser, como direcionamos nossa vontade nas escolhas diante da vida e de Deus. Vemos, outrossim, que mesmo a racionalidade pode brutalizar o ser humano, levando-o a aprimorar-se na arte de fazer o mal, de prejudicar o outro, de centrar-se em seu egocentrismo, de desferir agressões a si próprio e a seu semelhante, de destruir o meio ambiente. Humano, ao contrário, é buscar o bem comum, é primar-se pela ética, doar-se pelo bem de outrem e, sobretudo, acolher o **encontro com o Divino**.

Mas nem todo aquele que se constitui em ser humano, que persegue esta meta, é monge. Na verdade, monge é coisa raríssima sempre – mesmo dentro da Igreja! Embora o monge se identifique com tudo que seja verdadeiramente humanizador. O que lhe é peculiar e distintivo é, sobretudo, sua **espiritualidade**, esta assumida como o caminho de sua realização pessoal. Podemos, portanto, identificá-lo entre aqueles que buscam tornarem-se humanos através de sua relação com a Divindade, com o Sagrado, com o Absoluto.

No cristianismo e na Igreja, o monge se compreende à luz do Evangelho. Assim seu humanizar-se se dá em conformidade com a Palavra de Deus revelada em Jesus Cristo que, em sua humanidade divina, inspira o amor a Deus sobre todas as coisas. Mas, mesmo isso não é específico dele, pois na Igreja, através de muitas outras formas de vida, diversas da monástica, pode-se empreender a aventura da vida humana fundando-a na correspondência ao amor de Deus. Portanto, à vida monástica, além de defini-la como a **busca verdadeira de Deus** (*Si revera Deum quaerit*, RB 58, 7), devemos acrescentar-lhe ainda a maneira como o monge realiza tal busca, tanto no plano interno da pessoa, como no externo, na sua relação consigo mesmo, com o mundo e com as demais pessoas. Assim,

interiormente, o monge busca a perfeição humana através da **purificação do coração** mediante o exercício de abandono de si mesmo, do renegar-se a si mesmo; enquanto externamente o faz através da **fuga do mundo**, do desapego das coisas, do recolhimento, do silêncio, da contemplação, da meditação.

Tanto no esvaziar-se de si, quanto na fuga do mundo, o monge, em seu aniquilamento, diante de seu tempo e no lugar onde se encontra, assume uma existência contestatória, que suscita novidade e provocação a si mesmo e aos seus semelhantes. Assim, caracteriza-se antes por propor perguntas do que por dar respostas, antes em surpreender-se do que em conformar-se. Não se confunde com a massa dos humanos, mas dela se retira; não por desprezo, mas por deferência à mesma humanidade que, contemplada em si e nos outros, instiga-lhe a partir ao **encontro de Deus**.

Este êxodo de si e do mundo custa ao monge esforço e luta, pois almeja uma conquista. Destarte, a idéia de tranqüilidade que é primeiramente associada ao monge, esconde uma inquietação que lhe é constitutiva. É constitutiva não só dele, mas de todo ser humano: em sua fuga do mundo, o monge revive a errância humana, esta dimensão existencial do ser humano que sempre se coloca a caminho, como eterno migrante no enalço de um destino, como peregrino desassossegado. Não só no plano físico-geográfico, seja como indivíduo ou como grupo social, vemos o ser humano, desde os seus primórdios, ser nômade, ser andarilho a intercambiar-se entre os diversos povos; mas também no plano espiritual, cuja existência terrena, pessoal ou coletiva, é compreendida como passagem a outra realidade, cuja vida se revela como trajeto contínuo, como ponte que ele próprio deve não só atravessar, mas construir desde a sua origem até ao seu destino último.

Neste sentido podemos compreender a vida do monge à semelhança da saga do Patriarca Abraão narrada na Bíblia em sua autêntica experiência de se confrontar com Deus, ao partir da sua terra natal de Harã para a desconhecida terra de Canaã: *“O Senhor disse a Abrão: ‘Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção [...] Por ti serão abençoados todos os clãs da terra!’. E Abrão partiu, como o Senhor lhe havia dito.”* e disse ainda o Senhor a Abraão: *“Eu sou o Deus Poderoso. Anda na minha presença e sê perfeito.”* (Gn 12, 1-4; 17,1).

Neste convite de Deus a Abraão, para que o Patriarca se ponha a andar e a aperfeiçoar-se, vemos o constante movimento migratório inerente ao ser humano ser espiritualizado, ser re-significado à luz da Palavra Divina. Este andar, este partir e viver no

encalço de uma promessa divina, na procura de um destino a conquistar, o monge o vive em sua retirada do mundo. Em São Bento, mesmo ao propor em sua Regra a estabilidade para o monge, isto é, que ele se enraíze fielmente no seu mosteiro, na sua cela, na sua comunidade, a fuga do mundo se faz permanentemente no interior do claustro do mosteiro: o monge se coloca conscientemente em êxodo tal qual Abraão, deixando-se guiar por uma promessa. Ao fixar-se no seu eremitério ou no seu cenóbio, em sua estabilidade, o monge parte para uma peregrinação espiritual, uma aventura humano-divina.

Também assim, na inquietação da vida monástica, podemos compreender as recomendações de Jesus ao enviar seus discípulos em missão pelos caminhos ao encontro do povo: *“De graça recebestes, de graça dai. Não leveis ouro, nem prata, nem cobre [...] Não penseis que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer a paz, mas a espada. [...] Aquele que ama pai ou mãe, filho ou filha, mais do que a mim não é digno de mim [...] quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la. [...] Todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras, por causa do meu nome, receberá muito mais e herdará a vida eterna”* (cf. Mt 10,5-42; 19,29). Sob a égide deste “esvaziamento de si” aconselhado no Evangelho de Jesus, o qual convida à pobreza exercitada pelo desapego do mundo, o monge se define, portanto, pela sua vocação de **abandonar-se à Providência**. Abandono que também lhe confere a marca de **contemplativo**, como se segue também em mais estas palavras de Jesus: *“Não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo quanto ao que haveis de vestir [...] Olhai as aves do céu [...] vosso Pai celeste as alimenta. Aprendei dos lírios do campo [...] como vosso Pai celeste os veste de glória e esplendor [...] Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça e todas as demais coisas vos serão acrescentadas”* (Mt 6,29.33; Lc 12,27.31).

Quanto à busca da **pureza de coração** (*puritas cordis*), esta luta interior do monge constitui o meio proclamado por Jesus para se alcançar a meta última que é a **contemplação de Deus**: *“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”* (Mt 5,8). Com propriedade ensina Santo Irineu: *“a glória de Deus é a vida do homem e a vida do homem é a visão de Deus”*, isto é, a vida do homem é o lugar onde Deus se manifesta excelentemente, e esta contemplação de Deus traz a verdadeira vida ao homem. Portanto, na vida monástica, a pureza de coração que conduz a Deus é alcançada sobretudo no próprio convívio humano, através dos desafios que isso nos impõe ao exigir um constante aperfeiçoamento no trato entre nós, ao consideramos o ser humano em sua dignidade própria e, mais ainda, ao ponderarmos sua divinização por Jesus. Enfim, no convívio

fraterno, o monge é aquele que, com solicitude, busca verdadeiramente a Deus, dia e noite, *“subindo todos os graus da humildade”*, de modo a obter a purificação de seu coração e atingir a perfeita caridade de Deus; quando, então, o próprio Senhor, por meio do Espírito Santo, manifesta-Se e Se deixa ver (cf. RB 7, 67.70).

Como conclusão, diria que **o sentido da vida monástica hoje na Igreja** exige do monge um empenho eclesial, ecumênico, inter-religioso e multicultural. Sempre há que se considerar a vida monástica como uma constante que acompanha a realidade humana em sua dimensão antropológica espiritual. Neste sentido, diviso a vida monástica como um dentre os vários caminhos de humanização possíveis, isto é, uma dentre as muitas tentativas do ser humano de se expressar como pessoa. À luz da fé revelada é mais: é testemunhar a presença de Deus no mundo, identificando-se com Jesus Cristo diante da humanidade.

De tal maneira, no seu modo peculiar de viver, o monge deve, portanto, fazer-se pessoa humana e de fé, empenhado em ser **santo, perfeito e misericordioso**, individual e comunitariamente, sempre interagindo com o mundo, tendo sua consciência enraizada na Palavra de Deus e na interdependência com seus semelhantes. Além disso, a fidelidade à sua vocação pessoal consiste em evidenciar que o ser humano somente se dignifica plenamente quando corresponde com santidade ao dom de sua existência. Enfim, consciente de que é Deus mesmo que vem ao seu encontro, torna-se imperativo para ele que seu agir seja comprometido com a vida através do Sagrado, com a sua própria vida e com a de todos os humanos. Assim, hoje, a vida monástica deve ser autêntica referência ao divino e ao humano, não só na Igreja, mas também diante do mundo.

Particpei de um encontro com Mingyur Rinpoché, jovem monge e mestre tibetano, cujo tema foi *“Ciência e Meditação na experiência de um monge”*, em 28/08/2009 às 14h no Palas Athena. O evento era reservado a pesquisadores da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, a representantes das diversas escolas budistas e a praticantes de meditação. A iniciativa foi do Centro Budista Yongey do Brasil e do Núcleo Universitário de Saúde e **Espiritualidade**, da Faculdade de Medicina da **Unifesp** que hoje oferece aos alunos da graduação de Medicina e de Enfermagem a disciplina eletiva de **Espiritualidade e Medicina** (que procura tratar da importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos dos pacientes hospitalares, bem como pesquisar e avaliar a influência na saúde física e mental do ser humano).

Pesquisadores indagaram ao monge Rinpoché sobre os resultados das pesquisas científicas a que ele foi submetido, quando diversos profissionais da área médica

(cardiologistas, psico-neurologistas, endocrinologistas e outros) avaliaram os efeitos da meditação sobre seu organismo: pressão arterial, batimento e ritmo cardíaco, ondas cerebrais, sono, quais áreas do cérebro ativadas ou desativadas etc., medições realizadas com equipamentos adequados, com instalação de eletrodos e tomografias cerebrais etc.

Outros o indagaram sobre os efeitos benéficos da meditação não só para a saúde do organismo, da mente e do espírito da pessoa, mas também suas repercussões no âmbito da saúde coletiva e social. Também sobre a contribuição da prática de meditação para o enfrentamento dos desafios de nosso mundo contemporâneo: o estresse da vida atual, a depressão, a violência dos meios urbanos, a solidão, a falta de sentido diante da vida, as drogas e os vícios, os males advindos da poluição, os conflitos sociais, a intolerância gerada por preconceitos diversos entre etnias e grupos religiosos, enfim, diante de uma sociedade plural e heterogênea e globalizada, da atual aproximação das religiões através de esforços de diálogo inter-religiosos, de iniciativas de inclusão de minorias e da construção da paz etc., qual a relevância e a atualidade da meditação neste contexto mundial contemporâneo?

De minha parte, complementei as questões anteriores, argumentando que, muito embora a meditação não seja uma exclusividade dos monges, esta é parte integrante e essencial da vida monástica, assim sendo, colocaria uma questão que me parece anterior, qual seja: que importância tem o monaquismo para a meditação em geral?! E mais, se a relação monaquismo-meditação é fundamental e embrionária, e qual a atualidade da vida monástica nos dias de hoje e, ainda, qual sua importância de sempre ao longo da história da humanidade, uma vez que há quem se refira ao monaquismo como um componente antropológico de todas as civilizações, ou ainda aqueles que afirmam haver um arquétipo monástico, de tal modo que cada pessoa traz algo de monge dentro de si, isto é, a necessidade de recolhimento, de distanciamento do cotidiano, do silêncio.

Dentre os vários aspectos, Rinpochê, com humor, argumentou que talvez o tema mais candente da atualidade seja as questões ecológicas, todas elas associadas ao crescimento populacional e à capacidade do planeta de sustentar os bilhões de seres humanos, assim, o monaquismo fundado no celibato é ecologicamente correto, pois quanto mais monjas e monges tivermos, tanto mais contribuimos para o controle do crescimento populacional da humanidade e, portanto, para sustentabilidade do planeta.